

Escritores no Serviço Público

ALMEIDA FISCHER

Presidente da Associação Nacional de Escritores

Os melhores funcionários públicos dêste País — e os mais renomados — têm sido escritores, ao longo de quase tôda a sua história. Ser escritor significava, até algum tempo atrás, conhecer o idioma e usá-lo correta e adequadamente. Hoje, há quem publique livros, sem conhecer suficientemente o português. Mas isso, todavia, ainda é exceção. Ora, cada criatura capaz de escrever bem e com facilidade publicou coisas sôbre sociologia, administração, história, economia, criou trabalhos de ficção, poemas e quejandos. Isso porque os que sabem usar correta e adequadamente o idioma — e que são tão poucos, afinal — acabam escrevendo trabalhos sôbre os assuntos de sua preferência ou especialidade.

O conceito de o que seja escritor tem mudado através do tempo — especialmente a partir do momento em que se busca a profissionalização dos que sabem escrever —, para abranger em suas malhas, sem qualquer discriminação, todos os que escrevem qualquer coisa e publicam livros. A ampliação da área é correta e justa, vez que escritor é quem escreve e não apenas os que fazem literatura de nível artístico. Clóvis Beviláqua, que foi apenas um jurista inteligente, mas que sabia escrever, foi membro da Academia Brasileira de Letras, embora não criasse nada no campo da ficção literária e da poesia. Fazia-o, porém, na área da ficção jurídica, e muito bem. Beviláqua, que era um intelectual do mais alto gabarito, sômente brigou com a Academia Brasileira de Letras, deixando de comparecer às suas reuniões, porque sua espôsa, que foi poetisa sem maiores méritos, não podia ser admitida na Casa de Machado de Assis, vez que os membros dêsse sodalício não concordaram em alterar o regimento interno da instituição para possibilitar seu ingresso.

Então chegamos, sem querer, ao problema levantado agora pela ilustre escritora Dinah Silveira de Queiroz, que pediu inscrição, que lhe foi negada, à cadeira vaga com a morte do grande ensaísta e crítico literário Álvaro Lins. Houve acadêmicos que relembrou o caso Beviláqua para se colocar contra a admissão de mulheres na Academia. Acontece, porém, que Dinah Silveira de Queiroz não é uma escritorzinha qualquer, espôsa

de acadêmico e que, nessa qualidade, apenas, pretende seu ingresso na Academia. Dinah é, por seu trabalho intelectual continuado, dia-a-dia, por seus altos méritos de romancista, contista e cronista, teatróloga e jornalista, sempre presente em livros, jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão, o maior nome das letras femininas brasileiras, mais importante, por seu trabalho e sua obra publicada, do que muitos membros da Academia Brasileira de Letras.

Bem, mas êsse já é outro problema, vez que estamos cogitando apenas do escritor na vida burocrática brasileira. E, a começar pela própria Dinah Silveira de Queiroz, vale lembrar que ela é funcionária pública e das mais eficientes, como redatora da Rádio Ministério da Educação e Cultura.

Uma figura logo se destaca, entre os escritores funcionários de nosso tempo: Augusto Meyer, cujo falecimento enlutou há pouco as letras nacionais. Meyer foi o tipo do funcionário público exemplar, como Diretor do Instituto Nacional do Livro. Lembro-me muito bem dos nossos encontros, em várias oportunidades. Como Diretor de "Letras e Artes" eu o procurava constantemente em seu gabinete de trabalho ou em outro local previamente combinado, para recolher sua colaboração para o antigo e importante Suplemento Literário de "A Manhã". Augusto Meyer era, em qualquer lugar, o próprio Instituto Nacional do Livro. Cuidava dos interesses de sua repartição em quaisquer circunstâncias, sua conversa girava sempre em torno do livro, de novos planos para a melhoria do INL. Meyer passou por muitos governos, sempre mantido no cargo por sua competência e dedicação funcionais. Sua ideologia era a cultura em geral e a literatura em particular. No sentido político, era um democrata puro, não engajado a nada. Gauchão bom, sério e bem intencionado.

Dos escritores funcionários públicos podemos destacar, hoje, Adonias Filho, o notável romancista baiano. Na direção-geral da Biblioteca Nacional, tem sido um chefe correto e querido, que se tem mantido no cargo, com aplausos de gregos e troianos, há muitíssimos anos. Funcionário competente, exemplar, dedicado, vem dando dimensões as mais amplas à atuação da Biblioteca Nacional, realizando exposições comemorativas de autores e livros, editando obras há muito esgotadas, de interesse cultural, mas sem possibilidades comerciais capazes de atrair editor etc.

R. Magalhães Júnior, o excelente escritor de tantas facêtas, membro da Academia Brasileira de Letras e funcionário aposentado, jamais faltou aos seus deveres de servidor do Estado, ten-

do dado uma contribuição inestimável às atividades de sua repartição enquanto no exercício de seu cargo. Rodrigo Melo Franco de Andrade, na direção do Serviço do Patrimônio Histórico, foi exemplo de funcionário público até sua morte. Carlos Drummond de Andrade, o poeta maior deste País, foi servidor público dos melhores, tendo passado por várias secções e divisões do Ministério da Educação e Cultura. Não faltava ao serviço, não saía para o cafèzinho. Quem quisesse falar com êle — e por pouco tempo, pois estava sempre atarefado — teria de procurá-lo no Palácio da Cultura, onde o encontraria sempre firme em seu pôsto. Drummond ocupou, por sua capacidade e responsabilidade, os mais destacados cargos no Serviço Público.

Mesmo no Departamento mais ligado ao funcionalismo público — o DASP — vamos encontrar alguns escritores conhecidos. A. Fonseca Pimentel, hoje numa Subchefia do Gabinete Civil da Presidência da República, ex-Diretor-Geral daquela instituição, é um estudioso especializado em Machado de Assis, com livro publicado a respeito, além de intérprete da mensagem do teatro de Nelson Rodrigues. Ainda no DASP vamos encontrar um ensaísta de mérito, que é Araújo Cavalcanti, um crítico literário como José Medeiros, um poeta e tratadista de Direito Administrativo como Corsíndio Monteiro da Silva. Waldyr Santos e Clencio Duarte da Silva são dois outros renomados autores de livros sôbre Direito Administrativo daquele importante Departamento, que conta, realmente, com uma plêiade de funcionários intelectuais, como João Luiz Ney, para não esquecer nome tão importante.

Na Fundação IBGE também podemos encontrar alguns nomes importantes da literatura, como Fausto Cunha, Valdemar Cavalcanti, E. C. Caldas, Waldemar Lopes, Manuel Diegues Júnior e outros. Elisa Lispector, a grande romancista de "No Exílio", é funcionária aposentada do Ministério do Trabalho. Renard Perez pertence aos quadros da Rádio Roquete Pinto. Josué Montello é alto servidor do Ministério da Educação e Cultura. Afrânio Coutinho está deixando a direção da Faculdade de Letras da Universidade Federal da Guanabara, para assumir o cargo de Adido Cultural de nossa Embaixada em Lisboa. Eugênio Gomes, que foi Secretário Particular do Presidente Castello Branco, e ex-Diretor da Biblioteca Nacional, é funcionário aposentado de uma autarquia. Foi funcionário exemplaríssimo.

O Itamarati está cheio de escritores funcionários públicos e todos muito bons no desempenho de suas funções. A começar por João Cabral de Melo Neto, o excelente poeta da geração

de 45. Antes eram João Guimarães Rosa, excelente recriador de histórias e de linguagem; Ribeiro Couto, o criador do **penumbri-**smo, e Vinicius de Moraes, o grande poeta, compositor e boêmio, que deixou o cargo no Ministério das Relações Exteriores. Agora, João Cabral, Da Costa e Silva, Lauro Escorel, Bezerra de Menezes, Flávio Macedo Soares, Marcos Konder Reis e mais alguns. Todos servidores ótimos.

Entre o funcionalismo da Câmara dos Deputados e do Senado Federal há escritores e poetas como Anderson Braga Horta, José Augusto Guerra, Romeu Jobim, Alan Viggiano, Anselmo Macieira, Joanyr de Oliveira e outros.

Cassiano Ricardo, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Lygia Fagundes Telles são funcionários do Governo do Estado de São Paulo. Mauro Mota, Diretor do Instituto Joaquim Nabuco, é servidor do MEC. Lêdo Ivo é funcionário do IPASE. Abgar Renault é Ministro do Tribunal de Contas da União e Alphonsus de Guimaraens Filho é Auditor do mesmo Tribunal. Murilo Rubião, Rui Mourão e Emílio Moura são servidores do Governo do Estado de Minas Gerais. Darcy Damasceno e Paulo Mendes Campos são funcionários da Biblioteca Nacional. Maria Alice Barroso é funcionária-Diretora do Instituto Nacional do Livro, onde igualmente trabalham Eliane Zaguri e Walmir Ayala. Todos funcionários eficientes, dedicados, competentes. Poderíamos ir muito mais longe, citando nomes sem conta, pois no Serviço Público brasileiro o escritor está presente nos lugares mais destacados e nas funções de maior responsabilidade.

Temos tido escritores nos mais elevados cargos. Agora mesmo, à frente do Ministério da Educação, temos o escritor Jarbas Passarinho. No Governo Castello Branco, além do romancista de "Terra Encharcada", tivemos o ensaísta Luiz Vianna Filho, que foi Ministro Extraordinário para Assuntos do Gabinete Civil da Presidência da República. Indo mais longe um pouco, vamos encontrar Cândido Mota Filho e Nelson Omegna, respectivamente como Ministros da Educação e do Trabalho do Governo Café Filho.

Por trás dos grandes dirigentes, em todos os setores do Serviço Público, seja no Executivo, no Legislativo ou no Judiciário, vamos encontrar o escritor que sabe dizer as coisas convenientemente, que conhece os elementos de comunicação de massa, que redige os discursos e as plataformas, que encontra sempre a linguagem própria para transmitir as mensagens. São os diretores, os assessôres, os assistentes, os secretários. Saber usar convenientemente o idioma, para transmitir com correção um pensamento, não está mesmo ao alcance de todos.